

RICHARD, BACH — A História de Fernão Capelo Gaivota,
Tradução de Antônio Ramos Rosa e Madalena Rosález,
Rio de Janeiro Editorial Nórdica Ltda., 1975, 148 pp.

Uma parábola sobre a liberdade sustentada numa simples história de uma gaivota que abandona o grupo e vai tentar abrir seu próprio caminho e possibilidades, eis o que se nos apresenta o A.

O livro permite duas leituras distintas e associadas: uma, é ao nível do enredo, do discurso, outra que são das idéias que decorrem da narrativa. No plano destas, apresenta-se clara a oposição entre a assimilação no coletivo inconsciente e a assunção da individualidade consciente. Todo processo de liberdade o é de separação de desligamento, o que gera a repulsa e a inaceitação do indivíduo da parte do grupo, dada a liberdade de espírito daquele. Ainda mais, o histórico e o simbólico (o denotativo e o conotativo) percorrem toda a obra, e entre as duas dimensões caminha Fernão Capelo Gaivota.

Simbólica naquilo que é o estabelecimento da fronteira entre a aceitação passiva e a rebeldia ativa, claro é que Fernão Capelo Gaivota caminha numa dimensão ora concreta, ora abstrata, ora prosaica, ora poética.

Direta ou indiretamente ainda a obra trata do problema da opção entre caminhar com os outros ou caminhar só, da solidão decorrente da segunda opção, do abandono eterno em que vivem os seres que são únicos e diferentes. Tematicamente, o livro defende a idéia que não há limites e disto resulta a possibilidade de perfeição do ser, e para a perfeição o caminho percorrido deve sê-lo a sós. Aqui não se caminha em companhia. Assumir o futuro é aceitar a grave missão de se ir só. No presente caminhamos em companhia, no futuro a caminhada é solitária, e nesta última situa-se a personagem Fernão Capelo Gaivota.

Enquadra-se ele dentre aqueles grandes escritores ou pintores, que criando uma obra para o futuro, estiveram sós no seu presente e acompanhados pelos seus pósteros, o que quer dizer, estiveram sempre sós. Só que Fernão Capelo Gaivota não criou nada, ou melhor, criou o seu próprio caminho,

sua própria liberdade e solidão. Num certo sentido, Capelo Gaivota carrega sua loucura, que é a única grande maneira de se ser livre e não carregar o peso do tempo.

A narrativa apresenta dimensão fabulária, desde o fato de a personagem principal ser uma gaivota que curiosamente é uma ave ligada ao céu, à terra e à água. O autor escolheu um elemento que associa três realidades que servem ao estudo de limites do ser: o mar, o ar e a terra. Os motivos maiores do livro, estreitamente ligados a ele, são: a liberdade, a solidão, a perfeição e o paraíso. Quanto a este último renova-se a sua concepção, na medida em que se desliga de realidades espaciais e temporais:

— Você está aprendendo outra vez, Fernão Gaivota.

— Bem, e o que é que acontece depois disso? Para onde vamos? Não há um lugar chamado paraíso?

— Não, Fernão, não há tal lugar. O paraíso não é um lugar nem um tempo. O Paraíso é ser perfeito. (p. 89).

Fernão Capelo Gaivota constitui uma personagem fabulosa que ilustra à saciedade a afirmação do poeta e filósofo de que o homem é um “ser de horizontes”. Ele busca voar cada vez mais velozmente e com mais perfeição, porque é esse seu destino.

Richard Bach escolheu com muita propriedade a gaivota por que se trata de uma ave estreitamente ligada aos limites ilimitados do ser: o mar, o ar, a terra. Ainda mais, o livro aponta para a idéia de que se a gaivota nasceu e vive em bando o seu destino há de construir-se sozinho. Um grande destino (como é o de Fernão Capelo Gaivota) situa-se sempre num plano de ruptura, de não-aceitação, daí a rebeldia de Fernão, que procura ir sempre além, superando a limitação em que ficam as demais gaivotas do bando. Para estas, que não conseguem sair de sua vida regrada e estreita (e cuja única finalidade é comer e não voar), Fernão Capelo se revela mesmo como sendo um louco, um ser que transgrediu as regras do rebanho, no momento em que procura atingir um além, característica de todo ser idealista e que busca a perfeição, identificada no livro com o paraíso. E por isso, ele constitui-se em um dos poucos eleitos cuja grandeza de destino apenas Henrique compreende:

— “A única resposta que encontro, Fernão, é que você é um daqueles pássaros que se encontram num milhão.” (p. 74).

O livro de Richard Bach se reveste ainda de enorme interesse num momento em que rareiam cada vez mais no mundo

os caracteres fortes, os que procuram compreender e assumir seu destino, num plano consciente, tentando lançar para frente o rebanho inconsciente e incompreensivo. O mundo vive mesmo uma crise dos Fernão Capelo Gaivota, na medida em que a maioria cada vez se satisfaz mais com suas dimensões puramente vegetativas. Fernão Capelo reage contra isto, buscando um ideal só seu, distanciando-se do bando:

— Cada um de nós é, em realidade, uma idéia da Grande Gaivota, uma idéia ilimitada de liberdade, costumava dizer-lhe Fernão à noite, quando se reuniam na praia” (pp. 119-120).

Num momento crucial do mundo, em que se pensa e se opera no plano da violência e da destruição, Fernão Capelo Gaivota dá o exemplo oposto, o da tenacidade, da construção (do vôo) da elevação de uma vida (“que se constrói dia a dia”, na expressão de Ramos Rosa, tradutor da obra), num canto de otimismo que vem muito a propósito:

— “Quando souberem do triunfo”, pensava, ficarão loucos de alegria. Como vale a pena agora viver! Em vez da monótona labuta de procurar peixe junto dos barcos de pesca, temos uma razão para estar vivos”. Podemos subtrair-nos à ignorância, podemos encontrar-nos como criaturas excelentes, inteligentes e hábeis. Podemos ser livres. Podemos aprender a voar. (p. 37).

Em alguns passos a narrativa se enriquece de uma linguagem poética (não fosse Antônio Ramos Rosa, seu tradutor, poeta de primeira água), particularmente quando arremete ao conceito de amizade:

— Se a nossa amizade depende de coisas como o espaço e o tempo, então, quando finalmente ultrapassarmos o espaço e o tempo, teremos destruído a nossa fraternidade! Mas, ultrapassado o espaço, tudo o que nos resta é Aqui. Ultrapassado o tempo, tudo o que nos resta é Agora. E entre Aqui e Agora você não crê que poderemos ver-nos uma ou duas vezes? (pp. 102-103).

Fernão Capelo situa-se entre os loucos, na concepção de Fernando Pessoa (“Louco sim, porque quis grandeza”), entre os iluminados, os que viveram no futuro de si mesmos e que por isso vivem um eterno-presente-solidão e que só estará acompanhado dos seus pósteros (o que quer dizer que estará sempre sozinho). O importante é que Fernão Capelo Gaivota assume a sua solidão, vivendo aqui ainda na dimensão proposta pela poesia de Fernando Pessoa (“Na ânsia de ultrapassar-me / Nem dei pela minha vida”) numa loucura mansa e consciente, só encontrável nos grandes poetas, pintores,

compositores, artistas, enfim, no que têm de mais terrivelmente mítico.

E se ao nível da história, por ser uma gaivota, Fernão Capelo busca amplos horizontes (o mar, a terra, o sol, as grandes distâncias e altitudes), metaforicamente (ao nível do discurso) a obra chama a atenção para os largos horizontes dentro de nós, atraentes e desconhecidos, que cumpre alargar, incessantemente, embora a sua busca possa ter como consequência a solidão e a pecha de louco.

Veja-se que quando começamos a explorar os ilimitados limites de nós mesmos, não estamos ainda no meio, muito menos no fim, mas apenas no começo:

“Não há limites, Fernão, pesou e sorriu. A sua corrida para a aprendizagem acabava de começar.” (p. 148).

A personagem, por vezes lembra, irresistivelmente, Sartre na medida em que o ser se sente responsável pelo seu destino, e também pelo dos seus semelhantes, e isto leva a outro tema do livro, o da responsabilidade:

“Uma gaivota nunca contesta o conselho do bando, mas a voz de Fernão ergueu-se, gritando: — Irresponsabilidade? Meus irmãos! Quem é mais responsável do que uma gaivota que descobre e desenvolve um significado, um propósito mais elevado na vida? Passamos mil anos lutando por cabeças de peixe, mas agora temos uma razão para viver, para aprender, para descobrir, para sermos livres! Dêem-se uma oportunidade, deixem-me mostrar-lhes o que descobri”... (p. 48-49).

O livro ainda defende a idéia perfilhada por Vergílio Ferreira de que “a aprendizagem é difícil”, e que não aprendemos com o rebanho, mas sim com algumas cabeças pensantes que são os seres eleitos, que se libertam do tempo e do espaço, por seu idealismo ou sua loucura.

Mesmo que ocorra a limitação imposta no plano social (pelo bando, ou rebanho), no do pensamento é possível encontrar libertação:

“Todo o corpo de vocês, da ponta de uma asa a outra — dizia Fernão outras vezes — não é mais do que seus próprios pensamentos, numa forma que podem ver. Quebrem as correntes dos seus pensamentos e conseguirão quebrar as correntes do corpo... (pp. 120-121).

A tradução do poeta António Ramos Rosa e de Madalena Rosález captou bem em toda sua extensão e profundidade, o discurso narrativo de Richard Bach. As fotografias de Russel Munson, com expressivos flagrantos dos vôos das gaivotas,

sós ou em bandos, nos ilimitados espaços do céu fora do tempo, complementam bem a problemática levantada pelo autor em torno da liberdade, da solidão, da busca de perfeição e do ato de voar. Depreende-se feliz associação do processo narrativo simbólico e metafórico com a realidade visual.

Obra que discute e não aceita a neutralidade e o indiferentismo, que consubstancia um grito silencioso de alerta para a liberdade, possibilitadora dos caminhos para a perfeição (embora o grande ônus seja a solidão e a ruptura com o espírito do rebanho do bando), destaca a personagem Fernão Capelo Gaivota, em toda a linha, como um desses loucos conscientes, que têm liberdade por que não o constroem o tempo e o espaço, porque sua loucura os libertou deles. É um dentre um milhão, que aponta com a preocupação e a luta para o viver perfeito, num processo ascendente de referencialidade, de necessidade e de utilidade para seus semelhantes.

É possível ver ilustrada na presente história de Fernão Capelo (sim, porque haverá outros Capelos a viver solitária e desconhecidamente no mundo), a lição de dois grandes artistas, Fernando Pessoa e Vergílio Ferreira, respectivamente quando afirmam que “tudo vale a pena quando a alma não é pequena” e “somente o impossível vale a pena”.

Ao fim e ao cabo, *A História de Fernão Capelo Gaivota* constitui visão simbólica e alegórica de temas que sempre nos assaltam para a reflexão: a liberdade, a não-neutralidade, a amizade, o amor, a co-responsabilidade, a solidão, a assunção do mundo, e a nostalgia da perfeição do paraíso que pode existir em nós.

Que mais se poderá dizer, para confirmar-se que se trata de obra que exige urgente leitura e de imprescindível reflexão?

JOÃO DÉCIO